

## A CAGADA

*Esta é uma versão revisada de outra que foi relembrada de cabeça, já que, a primeira e original foi perdida...*

\*\*\*

Minha mãe parou o carro em frente ao prédio onde eu fazia o curso de inglês.

Desci e fui direto para o barzinho que havia dentro da escola.

Naquele dia, eu teria prova e queria estar de barriga cheia para pensar bastante.

Para não ficar com o estômago roncando, logo pedi.

-Ôh Mané! Vê para mim uma vitamina completa.

(Detalhe: completa era a que vinha com tudo: mamão, abacate, banana, aveia, neston, muito nescau e um litro de leite para dissolver).

Tomei a vitamina gigante de um gole só e, após soltar o tradicional arrotos, imediatamente senti o peso no cú indicando vontade de cagar.

Discretamente, dei uma chegada na porta do banheiro. Aliás, o único funcionando no prédio, e vi que a porta dele estava fechada.

-Bosta! Deve ter alguém aí dentro.

Voltei para o bar.

Lá, eu aguardaria o sr. Quem Quer Que Fosse sair e, lá, daria o meu sossegado cagão.

Tocou naquele instante a campainha indicando que a aula iria começar e, como aquele era dia de prova, ninguém deveria entrar atrasado na sala.

Não restou outra alternativa.

Teria de adiar temporariamente a minha cagada.

Fui para a sala de aula, me sentei com algum cuidado e procurei pensar em coisas agradáveis.

Demorou algum tempinho, como sempre ocorre nestas situações desesperadoras, e a prova começou.

Nem consegui me concentrar direito.

Fiz alguns rabiscos ininteligíveis e entreguei para a professora.

-Você tem que esperar meia hora para entregar a prova. -Ela disse. - Antes desse espaço de tempo não pode sair da sala de aula sob hipótese alguma.

Era um absurdo, mas, não quis reclamar, pois, se passasse muito nervoso, poderia acabar cagando ali mesmo.

Concentrei-me o máximo que pude e fiquei a meia hora ali dentro.

Minha vingança foi soltar alguns peidos silenciosos e muito fedidos pouco antes de sair...

Fora da sala, fui correndo para o maldito banheiro e, lamentavelmente, encontrei uma placa na porta:

“FECHADO PARA REFORMAS – Usar o do zelador”

Como desesperado, fui procurar o banheiro do zelador que nem no prédio ficava, mas já de longe, tive o desprazer de ouvir o chuveiro funcionando.

Havia ali alguém tomando banho.

Procurando me manter calmo, procurei um telefone público, já que, na época os celulares ainda não existiam, para ligar em casa e pedir que alguém viesse me tirar daquela situação delicada.

O corre que, no mesmo momento havia uma menina fofocando no telefone público e, num raio de não sei quantos quilômetros dali, não havia outro que estivesse em condições de uso.

Resolvi ir para casa.

Na rua, vendo coisas diferentes, talvez a vontade de cagar fosse embora ou, quem sabe, eu arrumasse até um banheiro para usar.

Fui andando o mais lenta e tranqüilamente possível, só que, conforme caminhava, o peso no cú aumentava e o desespero também.

Resolvi entrar num boteco da vida.

Lá eu teria de dar o meu cagão.

Não tinha mais jeito.

Para não chamar atenção indo direto para o banheiro, pedi uma água e dei alguns goles nela.

Fui então até o banheiro.

Estava trancado!

Voltei ao balcão e pedi a chave para o português.

Este, com a tradicional discricção luza, chamou o seu assistente aos gritos:

-Ôu Mané! Pega a chave que o gajo aqui quer ir ao banheiro!

O cara me a entregou e eu não perdi tempo.

Logo me fechei lá dentro.

Infelizmente, a coisa estava nojenta demais.

Parecia um pântano.

Tinha lagartixas, aranhas e uma nuvem de mosquitos sobre o vaso que estava todo mijado e mal tinha água para a descarga.

Nesse momento senti um alívio no cú.

Teria de segurar um pouco mais pois alí não dava nem para tirar a calça sob o risco de pegar até uma dengue.

Paguei a água e continuei a caminhada.

Depois daquela, pude andar um pouco mais rápido até o ponto de ônibus.

Meu alívio durou pouco.

No ponto, a vontade de cagar parece que voltou mais forte.

A bosta parecia estar pendurada por um fiozinho muito tênue.

Meu ônibus, para me aliviar um pouco, foi chegando.

Fiz sinal para ele mas, o motorista passou batido e foi embora.

Estava difícil, mas, eu tinha que agüentar.

Comecei a transpirar bastante.

Procurei me concentrar em outras coisas para suportar melhor aquela agonia.

Outro ônibus apareceu e, dessa vez eu fiz sinal no meio da rua, bem na frente dele.

O motorista não teria como escapar.

Subi e logo procurei um lugar para sentar.

Casualmente, achei um ao lado da mulher mais linda que eu já vi em toda a minha vida.

As coisas mais estranhas nunca acontecem quando se está legal.

Prova disso, foi que a mina começou a puxar papo comigo:

-Você está pálido! Tudo bem?

-Claro... Claro... Claro...

-sabe... Eu achei você uma gracinha...

-É... Humm.. obrigado...

Ela me deu um beijo no rosto e colocou no bolso da minha camisa um cartão.

Em seguida ela se levantou e saiu desfilando:

-Liga para mim...

A vontade de cagar continuou me torturando.

Quando chegou o meu ponto, com muito custo consegui puxar a campainha.

Saí do ônibus tomando cuidado nos degraus.

Alí, um passo em falso, e a merda sairia sem aviso.

Caminhava lentamente para casa, parecia até um velhinho.

Na descida que dava na minha rua tratei de me controlar.

Estava num ponto onde tudo era possível, inclusive, encontrar aquela simpaticíssima professora de piano da minha mãe que ficou me amarrando com o lero lero dela durante alguns minutos cruciais.

Quando estava na frente da minha casa dando graças a Deus por ter conseguido aquela prodigiosa façanha deparei-me com o gerente do super-mercado:

-Meu amigo! Sua mãe fez umas compras e esqueceu um pacote. Não quer pegar agora? Eu estou saindo e, depois, os empregados não vão saber te indicar onde está sua mercadoria.

Não tinha como recusar.

O mercado ficava exatamente em frente de casa. Bastava atravessar a rua.

Fui até lá. Peguei o pacote, sem é claro escapar de tomar alguma canseirinha antes de sair.

Finalmente cheguei em casa e ainda tive de esperar me abrirem a porta já que esta estava trancada e com uma chave do outro lado da fechadura o que, impedia meu acesso.

Lá dentro, ainda tive o desprazer de encontrar os banheiros todos ocupados.

Fiquei roendo as unhas até um deles ser liberado.

Aí entrei lá correndo.

Quando ia fechando a porta lembrei: Tinha de pegar um gibi ou jornal para dar um triunfal e sublime cagão como o que se seguiria nos próximos instantes.

Fui até o quarto e rapidamente escolhi um.

Voltei para o banheiro com o gibi já na página certa.

Tranquei a porta, sentei no vaso, comecei a leitura e finalmente abri as comportas para dar vasão ao rio de merda que sairia.

Senti um tremendo alívio então...

Mas esperem!

Alguma coisa ainda estava errada!

Na pressa, eu havia esquecido de tirar as calças e enchi ela de bosta!

\*\*\*